



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO CAMPO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

MARIA CRISTINA DOS SANTOS CARDOSO

TECENDO O MATAPI: UMA ARTE DE FAZER NO RIO CAMPOMPEMA

Abaetetuba
2018

MARIA CRISTINA DOS SANTOS CARDOSO

TECENDO O MATAPI: UMA ARTE DE FAZER NO RIO CAMPOMPEMA.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Pará – Campus Universitário de Abaetetuba, como requisito para a conclusão do Curso de Licenciatura em Educação do Campo com ênfase em Ciências Naturais.

Orientador: Dr. Jones da Silva Gomes

ABAETETUBA – PARÁ
2018

MARIA CRISTINA DOS SANTOS CARDOSO

TECENDO O MATAPI: UMA ARTE DE FAZER NO RIO CAMPOMPEMA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Pará – Campus Universitário de Abaetetuba, como requisito para a conclusão do Curso de Licenciatura em Educação do Campo com ênfase em Ciências Naturais.

Data da Defesa: 08/06/2018

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Jones, da Silva Gomes
(Orientador – FADECAM / UFPA)

Prof. Dr^a Deusa Maria de Sousa
(Examinador Interno– UFPA)

Prof. Me. Rosenildo, da Costa Pereira
(Examinador Externo – SEMEC)

DEDICATÓRIA

Em primeiro lugar dedico este trabalho a Deus que é o criador do Universo e da vida. A meus pais, esposo, irmãos, avós, cunhadas (os), sobrinhos, tios e tias, amigos, primos e a minha comunidade São João Batista pelo carinho, paciência e compreensão que tiveram comigo durante estes quatro anos de trabalho que realizei.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida e por me conceder a oportunidade de cursar uma graduação;

À minha mãe dona Maria de Lourdes e meu pai José Maria, que sempre me apoiaram em meus estudos e escolhas;

Aos meus irmãos, cunhados (as), primos, sobrinhos, tios e amigos que sempre me ajudaram de forma direta e indireta;

Ao meu orientador Dr. Jones da Silva Gomes, pelo ensinamento e disponibilidade em estar sempre pronto a me ajudar;

O meu maravilhoso esposo Anselmo Ribeiro, pela compreensão e incentivo quando pensei algumas vezes em desistir diante das dificuldades e ele não deixou;

Aos meus avós que sempre me apoiaram e incentivaram para sempre seguir em frente;

Aos meus amigos Klebson, Odileni, Roberto Junior e Savio que estiveram ao meu lado quando tive dificuldades em algumas disciplinas e que me ajudaram;

Aos meus amigos do curso de Educação do campo que se tornaram uma família e que aprendi muito com eles;

Ao professor e amigo Rosenildo da Costa Pereira pelos ensinamentos;

Aos professores do Curso de Educação do Campo pela contribuição em minha trajetória acadêmica;

Aos professores do ensino fundamental menor e ensino médio que me deram os primeiros suportes em minha trajetória escolar;

Aos representantes do Movimento Social em especial ao Manoel de Jesus Azevedo, Romildes Teles, Rogerio e Domingos Trindade conhecido como Assopra o qual Deus precisou tão cedo, mas que nos deixou muitos ensinamentos;

A Danielle Ribeiro, Katia Cilene, Nezilu Gonçalves e demais amigos que contribuíram nesse processo de graduação.

RESUMO

Este trabalho fará uma abordagem sobre uma comunidade de tecelões de Matapi no rio Campompema, tendo como parâmetro os saberes culturais que são repassados de geração para geração, acerca da sua utilização na pesca do camarão. Para isso, houve de minha parte uma inquietação em saber o significado do tecer o Matapi para os grupos e indivíduos da comunidade onde vivo, levando em conta o imaginário que se expressa nesta arte. Neste sentido, o trabalho tem como objetivo estudar o Matapi e seus elementos constitutivos: a dimensão econômica (renda), social (laços), estética (decorativa). A partir das pesquisas de campo foram analisadas a importância desse artesanato para vida social, econômica e cultural tanto dos artesões quanto dos pescadores e demais que o utilizam. Vimos que este tipo de artesanato é basicamente o único meio de sobrevivência e é utilizado como símbolo de agregação social na comunidade.

Palavras-chaves. Imaginário. Tecelões de Matapi. Pesca do Camarão. Mutirão.

ABSTRACT

This work will focus on a community of Matapi weavers in the Campompema River, taking as a parameter the cultural knowledge that is passed down from generation to generation, about its use in shrimp fishing. For this, there was my concern about knowing the meaning of weaving the Matapi to the groups and individuals of the community where I live, taking into account the imaginary that is expressed in this art. In this sense, the work aims to study Matapi and its constituent elements: the economic (income), social (ties), aesthetic (decorative) dimension. From the field researches, the importance of this craftsmanship to social, economic and cultural life was analyzed, as much of the artisans as of the fishermen and others who use it. We have seen that this type of handicraft is basically the only means of survival and is used as a symbol of social aggregation in the community.

Keywords. Imaginary. Weavers of Matapi. Shrimp Fishing. Mutirão.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 - Localização da Ilha de Campompema em relação ao Estado do Pará.....	16
Ilustração 2 - Pescador artesanal fazendo puqueca com sua esposa.....	19
Ilustração 3 - Pescador saindo para colocar Matapi.....	20
Ilustração 4 - Matapi secando na ponte dos pescadores.....	21
Ilustração 5 - Viveiro.....	22
Ilustração 6 - Tecelões de Matapi trabalhando em sua própria residência.....	24
Ilustração 7 - Casa conquistada pelo projeto de Assentamento.....	26
Ilustração 8 - Entrevista com Artesão.....	29
Ilustração 9 - Artesão apontando a tala para o funil.....	30
Ilustração 10 - Matapi feito com cipó.....	31
Ilustração 11 - Matapi feito com cabinho.....	32
Ilustração 12 - Limpando tala.....	33
Ilustração 13 - Caseando Matapi.....	33
Ilustração 14 - Tecendo o funil.....	33
Ilustração 15 - Matapi sendo fechado.....	33
Ilustração 16 - Artesã tecendo Matapi.....	34
Ilustração 17 - Família reunida tecendo o Matapi	36
Ilustração 18 - Mutirão de Matapi.....	38
Ilustração 19 - Artesão vendendo Matapi na feira.....	40
Ilustração 20 - Barco de atravessador.....	41
Ilustração 21 - Bandeira do MORIVA.....	44
Ilustração 22 - Matapi como símbolo estético em círio mirim.....	45

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPITULO 1- A PESCA NO ESTUARIO DO AMAZONAS COM ÊNFASE NO CAMARÃO	15
1.1 O MATAPI COMO INSTRUMENTO DE PESCA NA CAPTURA DO CAMARÃO.....	17
CAPITULO 2- A COMUNIDADE DE TECELÕES NO RIO CAMPOMPEMA	23
2.1 UM BREVE HISTORICO DO LOCUS ESTUDADO.....	25
2.2 OS SABERES LIGADOS AO FAZER DO MATAPI.....	27
2.3 O MUTIRÃO: AS RELAÇÕES DE RECIPROCIDADE QUE ENVOLVE O FAZER O MATAPI.....	34
2.4 A COMERCIALIZAÇÃO DO MATAPI NAS FEIRAS DA CIDADE.....	39
CAPITULO 3- O IMAGINÁRIO DO MATAPI NUMA ILHA DE RIBEIRINHO	43
3.1 O MATAPI COMO USO ESTETICO.....	43
3.2 O USO DO MATAPI COMO INSTRUMENTO SÓCIO EDUCATIVO.....	45
3.3 O MATAPI COMO SIMBOLO DA PESCA DO CAMARÃO.....	46
CONCLUSÃO	48
REFERENCIAS	49

Introdução

Desde que nasci vivo na Comunidade do São Joao Batista no rio Campompema localizada no município de Abaetetuba PA. Cresci vendo as pessoas de minha família trabalhando com o artesanato de Matapi e quando completei sete anos de idade comecei a trabalhar com meus pais, tios e avós na fabricação do mesmo, pois esse era e ainda é basicamente o único meio de sobrevivência de muitas famílias na localidade. De acordo com Pereira (2014) “os meios de sobrevivência de grandes visibilidades destas famílias são basicamente o artesanato, que é caracterizado pela produção de Matapi, crochê, rede de pesca, paneiro, tipiti”.

Fazia o Matapi visando somente o lucro, a sobrevivência, sem analisar que alguns processos de produção como o espaçamento entre as talas, por exemplo, trazem para o meio ambiente um grande desequilíbrio ecológico. A partir daí, comecei a ler bibliografias através do curso de Educação do Campo, surgindo, então, a inquietação em pesquisar como é realizada a arte de fazer o Matapi e se esse processo envolve a oralidade, a ludicidade, a religiosidade, bem como, os elementos naturais e estéticos, além das relações de reciprocidade.

Ora, é evidente que todos esses processos envolvam um imaginário que traduz esse tipo de artesanato ou arte de tecelões, poderíamos afirmar segundo Bachelard (2009), que ele perpassa uma poética das águas sobre o qual Loureiro (2000) atribui a bacia semântica da Cultura Amazônica envolta entre ilhas e rios, e, poderíamos por isso agregar as muitas perspectivas: uso- como instrumento de trabalho, técnica de produção, símbolo de beleza e criatividade além de ser uma forma de comunidade.

Este trabalho tem como objetivo abordar o imaginário que envolve a arte de tecer o Matapi realizado por vários grupos familiares no rio Campompema, o qual remonta a cultura e os saberes tradicionais que são repassados de geração para geração. Uma inquietação parecida com a de Gomes (2013), que diz “[...] A arte e o cotidiano estão ligados pela imagem, imbricados e reunido no fenômeno social – ela é o quadro de vida coletiva[...]”.

De minha parte houve a necessidade de descobrir quais os impactos das mudanças ocorridas no processo de criação do artesanato de Matapi, que se reflete na pesca do camarão, sua estética e suas relações sociais, ajuda-nos a olhar não somente o campo da renda familiar, como também adentra para o significado deste tipo de pesca, envolvendo o universo mais amplo da Cultura Popular.

Na produção de Matapi acontece os mutirões das famílias que se reúnem para tecerem e venderem. O resultado da produção é dividido, garantindo uma renda extra para as mesmas. Será destacado no presente trabalho o uso do Matapi como instrumento de pesca, bem como, seu uso e significado para outras pessoas que o utilizam não só na pesca, mas como objeto estético (decorativo), educativo, simbólico e cooperativo.

Para isso, fiz revisão bibliográfica em torno do tema da pesca na região Amazônica, bem como da importância do imaginário poético na construção da arte de fazer do ribeirinho em especial dos tecelões de Matapi do rio Campompema, região de ilhas da cidade de Abaetetuba. A Pesquisa levou em consideração o registro da oralidade dos pescadores e tecelões que lidam com este tipo de artesanato, falas de grupos de indivíduos que o utilizam para além da pesca, além dos registros fotográficos, textos e outras fontes.

O artesanato segundo Cunha, Najar, Piccolotto (2013) “[...]é um dos mais ricos do mundo, além do que, garante o sustento de muitas famílias e comunidades. O artesanato faz parte do folclore e revela usos, costumes, tradições e características de cada região”. No caso do Matapi que é um símbolo presente na oralidade, além de promover o sustento de algumas famílias, é importante fonte de saberes que são repassados de pais para filhos sem perder sua essência e que vem resistindo as modificações ocorrida com o passar dos anos.

Laplantine e Trindade (2003) dizem que “[...] o símbolo caracterizam o movimento unitário e afetivo de todos os indivíduos de uma cultura sobre uma mesma figura sintética”, que vem expressar um laço afetivo que envolve todos numa atividade que embora cotidiana tem uma função lúdica e educativa, já que o Matapi é um artesanato da pesca que simboliza uma arte de tecer.

O Artesanato de Matapi, portanto, traduz uma relação que traz consigo laços sociais que pelo artefato, expressam saberes e um imaginário que envolve religiosidade, diálogo com a natureza e emoções que são vivenciados pelos próprios tecelões. Hoje na comunidade percebe-se o desrespeito com a natureza devido já ser utilizado materiais que demoram mais tempo para se decomporem, por serem feitos com as cordas de nylon e fibras feitas de sacolas plásticas, devido à falta de alguns recursos, esses geram um grande desequilíbrio ao meio ambiente, o qual poderá causar a diminuição do camarão e contribuindo para a desvalorização do apetrecho da pesca.

O artesanato de Matapi vem mostrar uma resistência, ou segundo Certeau (2003) uma estratégia “[...] que postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças[...]” em seu modo de tecer que envolvem saberes que são repassados como uma forma de dar

continuidade às tradições de pesca artesanal do camarão praticados por muitos ribeirinhos da Amazônia, deu-se com processo invenções ou estratégias na forma como se produz, pois a cada período o artesão faz um tipo de Matapi com comprimento ou larguras diferentes, sendo que nunca seu artesanato é igual mesmo que as pessoas pensem ser, essa mudança ocorre devido sua natureza artesanal, ou seja, sem se ter um padrão próprio para todos os artesãos, e, muito menos para os atravessadores ou pescadores que compram o qual eles acham mais bonito ou melhor para pesca e por esse motivo é que esse instrumento de pesca não segue um padrão para o mercado, .

Cada artesão ou grupo tem sua maneira própria de tecer seu artesanato, pois cada um tece do seu jeito, e, isso é uma estratégia que eles utilizam para diferenciar seu trabalho dos demais, o que vem reforçar as afirmativas de Certeau citado acima. Portanto a arte de tecer o Matapi tem origem no processo artesanal que está muito atrelado a inventividade que é própria do universo ribeirinho ligado a atividade da pesca. Por isso se apresenta com uma beleza diferenciada dos demais tipos de artesanato, que inclui técnicas de tecer diferenciada se configurando numa arte de fazer. O próprio Certeau (2003) define como arte de fazer as práticas artísticas que fomos tentados a fazer e reconhecer.

O tecer o Matapi, portanto, é um fazer que exige muitas habilidades e práticas na hora em que os tecelões estão trançando aquelas cordas ou cipó que envolvem tanto a oralidade, quanto técnicas e práticas que são repassados de pais para filhos, isso por si já caracterizam certa continuidade das tradições deste tipo de artesanato, já que “quando a arte se reproduz dentro da família, é muito comum que seus membros não se preocupem com outras formas de aprendizado, outros padrões, estilos e modelos, carregando assim, por gerações o mesmo estilo”. (PORTO, apud SILVA s/d).

O tecer para o senhor Antônio dos Santos¹, significa cumprir com algumas etapas: “Eu teço o Matapi, mas antes tem que preparar a tala, o tecer significa muita coisa porque cum que eu criei meu filhos fui com Matapi e também eu ensino pra eles como se tece e a importância dele para mim”. Percebemos na fala do artesão o orgulho que tem de tecer esse objeto e a importância do mesmo para a vida dessas pessoas e a preocupação em repassar esse conhecimento para seus filhos.

A pesca também com o Matapi tem sua importância na vida dos artesãos e tecelões que dependem desse apetrecho para conseguirem o sustento para suas famílias. Enquanto aprendemos na teoria a importância desses artefatos os artesãos e pescadores aprendem na

¹ Entrevista realizada na casa do senhor Antônio dos Santos no dia 24/04/2018

prática de como lidar e manusear esses instrumentos. Portanto é na prática que se aprende vários saberes ligados ao tecer do Matapi e também qual o período melhor para se pescar e como pescar, sem se preocupar com as dificuldades que aparecerão e que serão superados por quem está envolvido.

Então meu trabalho se preocupou observar, produzir registros visualmente fotográficos, bem como, recolher os testemunhos dos artesões, não somente dos modos de tecer, mais tentando compreender qual o sentido e o uso dado por pescadores, atravessadores, artesãos e os próprios processos educacionais envolvidos. Os registros por meio da história oral têm um significado mais esclarecedor e sentimental como mostra Sousa (2002) “Por outro lado é, também, uma auto representação, que é dotada de um certo essencialismo, algo naturalizado”.

Foram primeiramente lidos artigos para melhor se ter um esclarecimento teórico sobre artesanato e em seguida aplicou-se questionários com o senhor Antônio dos Santos que é tecelão e pescador artesanal, um grupo familiar de artesãos que trabalham com o mutirão, atravessadores e empreendedores para se obter um melhor aprofundamento da utilização do Matapi e qual a importância dos mesmos para essas pessoas.

Por isso abordei no primeiro capítulo a pesca do camarão na Amazônia com o uso do Matapi e rede de lanço utilizando como referência os autores: Cruz (2008), Lima (2002), Moraes, Santos (2005), Bachelard (2009), Trindade e Laplantine (2003), Pereira (2014), Araújo e Caetano (2012) que vem detalhar melhor o imaginário que envolve a pesca e os processos até chegar na captura do camarão.

No segundo capítulo faço um breve histórico da comunidade onde foi realizada a pesquisa contando a história dos tecelões de Matapi, a relação dos atravessadores com o artesanato e também o uso dele como um símbolo estético e a relação de reciprocidade que está envolvido no mesmo o qual utilizei as seguintes fontes bibliográficas para dar um melhor esclarecimento do assunto, serão utilizados os autores: Santos, Souza, Tozi (2015), Gomes (2013), Freitas, Ipiranga, Mazza (2007), Diniz (2007), Vainseencher (2015), Certeau (2003), Pereira (2014), Costa, Ferreira, Barros (s/d), Sabourin (2011), Laplantine, Trindade (2003) que trabalham com essa relações que envolve oralidade, aproximação que o artesanato tem em seu modo de tecer, utilizarei imagens, falas dos artesãos o qual envolve uma oralidade que vem fazer um resgate do passado e uma continuação do presente o que afirma Sousa quando diz “A experiência humana, o vivido e todos os seus elementos constituintes só sobrevivem se lembrados e contados.”

Já no terceiro e último capítulo falo do imaginário que envolve a pesca, seu uso como um objeto de uso estético e educativo o qual Araújo, Barroso (2010), Laplantine, Trindade (2003), Gomes e Costa, Ferreira, Barros (s/d) frisam em seus artigos e teses.

Capítulo 1: A Pesca no Estuário do Amazonas com ênfase no Camarão

A pesca tem uma relação que envolve um espaço natural como o rio que é como uma rua para os pescadores e também moradores das ilhas que o utilizam para se locomoverem para outras comunidades e cidade como fala na música de Paulo André e Ruy Barata “Esse rio é minha rua, minha e tua mururé, piso no peito da lua, deito no chão da maré”, que apresenta vários recursos para quem vive as suas margens e que de lá vão em busca de alimentos e outros meios que necessitam.

Desse modo pode-se falar do papel do rio como “espaço de referência identitária” na Amazônia, pois o rio como espaço físico-natural (paisagem natural) é fundamental como meio de transporte, como fonte de recursos naturais e ainda contribui de maneira fundamental na temporalidade, no ritmo social de parte da região, bem como é matriz da organização espacial em grande parte da Amazônia. O rio como espaço social é o meio e a mediação das tramas e dos dramas sociais que constituem o modo de vida ribeirinho com seus saberes, fazeres e sociabilidades cotidianas.... Portanto, o rio é um referencial fundamental na construção das identidades na Amazônia (CRUZ 2008, p. 59).

Na região amazônica a pesca é um elemento muito forte nas ilhas e rios, Loureiro (2000) que “reflete de forma predominante a relação do homem com a natureza e se apresenta imersa numa atmosfera em que o imaginário privilegia o sentido estético dessa realidade cultural” em qual os pescadores utilizam vários meios para pescar tanto o camarão quanto outros tipos de pescados como o mapará, pescada, sarda, filhote, mandube entre outros. De acordo com Lima (2009):

O conhecimento construído no meio físico e social permitiu aos ribeirinhos desenvolverem diversas formas de pesca. Essas modalidades variam de acordo com as espécies a serem capturadas. Para essas atividades, os apetrechos mais utilizados são: Malhadeira ou tramalha, matapi, rede de *borqueio* (bloqueio), rede de lançar, espinhel, tapagem e caniço. Com esses instrumentos, capturam, principalmente, espécies como a pescada branca, sarda, sardinha de gato ou sardinha apapá, bacu, mapará, dourada, ituí, caratinga, camarão da maré, arraia acaricachimbo e tucunaré.

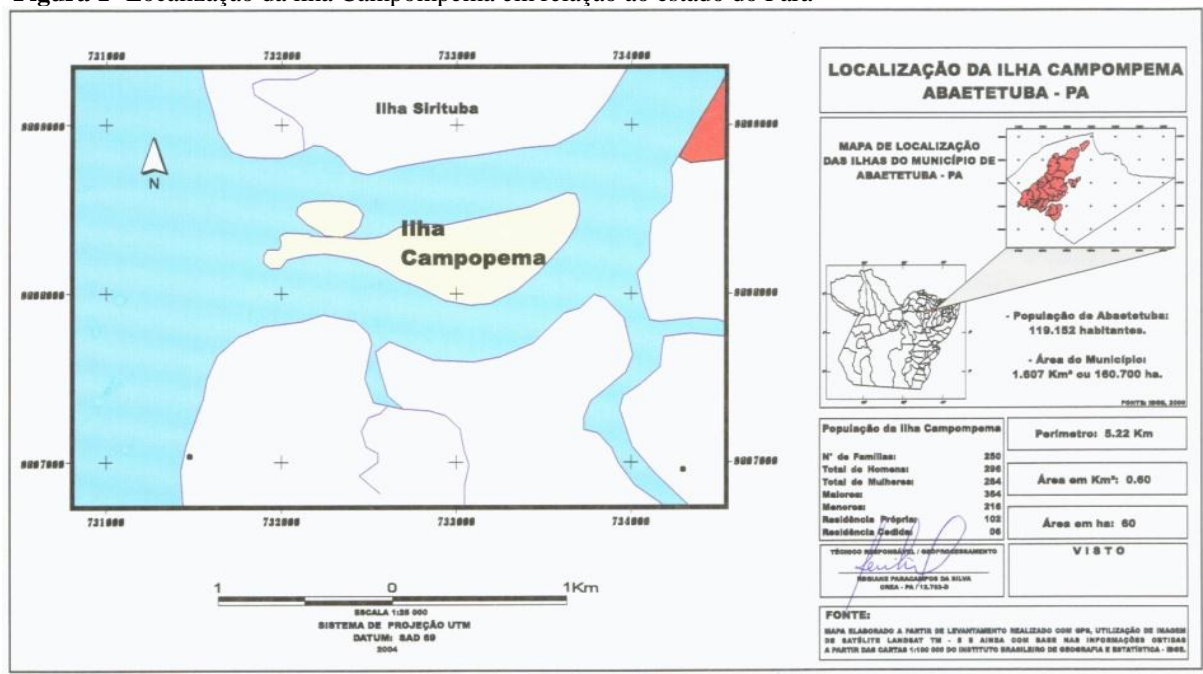
Vê se que a pesca tem uma relação muito forte com a natureza devido algumas mudanças ocorridas no clima os pescadores necessitam se adaptarem as mesmas não esquecendo seus costumes e culturas que são um símbolo forte na vida dessas pessoas.

Pescar, um verbo que, à primeira vista, para aqueles que compreendem a sistemática de vida de populações pesqueiras, pode remeter à compreensão singular de capturar peixes: certamente expressa, para aqueles que vivem e atuam na pesca, um conjunto de relações de domínios variados com a classificação, ordenação e diferenciação das espécies capturadas e dos instrumentos utilizados. (MORAES, 2005. p. 33-34).

Na comunidade do rio Campompema a pesca predominante é a pesca artesanal, onde os pescadores utilizam instrumentos como: o Matapi, a malhadeira, pari, espinhel e rede de lanço. Na pesca artesanal na maioria das vezes os materiais são confeccionados pelo próprio pescador, que pesca, gela ou salga seu pescado tanto para o consumo quanto para a venda. Quando seu pescado é vendido geralmente é o próprio pescador que o leva para a feira para ser comercializado: “No caso da pesca artesanal, as funções de armazenamento são executadas pelo próprio pescador que, modo geral, acondiciona o pescado em recipientes com gelo e/ou, em menor proporção, efetua a salga do produto para posterior consumo e/ou comercialização [...]” Santos (2005).

A comunidade do rio Campompema é uma das 72 ilhas do mundo rural da cidade de Abaetetuba que é uma cidade ribeirinha e fica a 10 minutos de rabeta da frente da cidade para a localidade, onde a produção do artesanato de Matapi é bastante forte e realizado por 80% das famílias que moram na mesma, devido também ter o rio de água doce a pesca artesanal é muito presente nas regiões de ilhas a qual a pesca de camarão com a utilização do Matapi e da rede de lançar é muito frequente na localidade as quais serão detalhados e explicados de uma melhor forma a seguir.

Figura 1- Localização da ilha Campompema em relação ao estado do Pará



Fonte: Plano de Desenvolvimento de Assentamento (PDA) São João Batista, 23 de abril de 2018.

A ilha Campompema fica localizada as margens do Rio Marataura, o qual tem em seu afluente o Rio Abaeté, Acaraqui e Jarumã. As pessoas utilizam como meio de transporte as rabetas que é mais rápido para se locomoverem para a cidade.

A pesca como atividade que emana dos rios e está atrelada ao elemento água, remonta a uma imaginação criadora que segundo Bachelard (2009) envolve um enlace entre ficção e realidade “é necessária uma alma muito perturbada para realmente se deixar enganar pelas miragens do rio[..]”, pois é um símbolo que está presente nos causos dos pescadores assentados nos acontecimentos reais ou inventados, o qual corrobora com o que Trindade e Laplantine (2003) dizem: “a representação imaginária está carregada de afetividade e de emoções criadoras e poéticas”. No processo de pesca essa proximidade é que vem tornar o trabalho dos pescadores mais coletivo e cooperativo devido um ajudar o outro em determinadas dificuldades.

O imaginário Loureiro (2000) é “unificador refletido nos mitos, na expressão artística propriamente dita e na visualidade que caracteriza suas produções de caráter – casas, barcos, etc”, os quais estão relacionados com a pesca em uma região de águas doce que irá repercutir ou escoar na forma como se produz o Matapi que é um instrumento de pesca do camarão e tem sua forma em formato de um cilindro com aberturas entre as talas, possui funil em forma de um cone por onde entra o camarão e é bastante parecido com o utilizado pelos índios. Na comunidade são os próprios pescadores que constroem seu instrumento de trabalho devido ser uma vila de tecelões, diferente de outras comunidades que os pescadores precisam comprar seu instrumento.

Os pescadores de camarão não precisam sair de sua localidade para irem pescar em outras e isso faz com que eles tenham maior proximidade com as pessoas da comunidade o ano todo tornando-se cada vez mais próximos de sua família diferente dos pescadores de outros tipos de pescados que em um determinado período do ano precisam ir para outras comunidades para pescar não compartilhando diretamente seu processo de pesca com sua comunidade.

Portanto no subitem 1.1 será mais detalhado a pesca de camarão com o Mapati, no subitem 1.2 será destacada a pesca de camarão com rede de lanço nos quais serão utilizados alguns autores como: Pereira, Araújo para dar um melhor desenvolvimento para o assunto.

1.1 O Matapi como instrumento de pesca na captura do camarão

A pesca de camarão é praticada na região ribeirinha com um instrumento artesanal que possui formato de um cilindro e cone que são tecidos com talas que devem ter um espaçamento para facilitar a entrada dos camarões. Esse apetrecho é muito utilizado nas regiões de ilhas como um importante objeto de pesca. Os ribeirinhos utilizam o Matapi para pescar o camarão tanto para consumo quanto para venda e essa pesca é artesanal. Os

pescadores têm o saber em escolher a melhor maré para pegar o camarão, a maré para pescar o camarão em maior quantidade, “a maré morta que é a maré que não mete na terra a qual entra na terra é de lançante o período de abri, maio junho que dá mais camarão” (SANTOS, 2018).

Mas antes de ser realizada a pesca é necessário seguir algumas etapas como: fazer a puqueca², iscar o matapi e coloca ló na canoa e em seguida amarrar nas varas que ficam à beira do rio. Após ficar uma noite ele é retirado da água para ser despescado. “Pescar o camarão eu façu a puqueca, amarro nu matapi e vu colocar na beira, aí chega de manhã eu vu tirar da beira para tirar o camarão e vu vender tiro pra cumer” (SANTOS, 2018).

Para se fazer a puqueca são necessários alguns materiais como folha de aningueira ou sacola, farelo e envira³ que é tirado do grelo do miritizeiro, após ser tirado é destalado e colocado para secar e só a partir daí que vai ser utilizado para amarrar a isca. Primeiramente se apanha a folha com as mãos, não é preciso faca, sim prática na forma de quebrar as mesmas que devem ser de tamanho médio para ser bem manuseada na hora que for formada a puqueca. Coloca-se o farelo de arroz e amarra-a, em seguida fura-se essa folha com um espeto Pereira (2016) “[...] Não precisa de facas para fazer a extração da folha e sim dos conhecimentos de como quebrá-la com as próprias mãos. Conhecimentos estes que os ribeirinhos têm com o exercício desta prática cultural. ”

Há também puqueca feita com sacola plástica que não é ecológica e que agride o meio ambiente a qual muitos pescadores não gostam de utiliza-la, pois se jogada no rio o polui ela é feita da seguinte forma cortando-a em vários pedaços e em seguida colocando o farelo misturado com babaçu amarra com envira ou fibra, fura-se para sair o cheiro do pó e assim atrair o camarão que entra pelo funil do Mapati, sendo que essa isca é bastante utilizada pelos pescadores, é ela quem faz com que o camarão entre no apetrecho utilizado para a captura do camarão, pois sem a mesma dificilmente haverá uma boa pesca Araújo, Barroso (2014) “[...] A isca pronta é denominada de puqueca”, pelos pescadores locais [...]” e é muito importante para a pesca.

Na fato abaixo temos um casal de pescadores fazendo a puqueca na cozinha de sua casa onde eles se reúnem tanto para iscar o Matapi como para o tecerem, receberem os amigos e conversarem.

² Puqueca isca feita com sacola ou folha de aningueira para pescar o camarão.

³ Envira fibra vegetal retiada do grelo do miritizeiro

Figura 2- Pesquisa de campo. Pescador artesanal fazendo a puqueca com sua esposa



Fonte: Maria Cristina, 28 de maio de 2018

Após a puqueca estar pronta é que o Matapi será iscado na residência dos próprios pescadores e em seguida são colocados nas canoas para serem postos nas beiras como dizem os pescadores o qual Araújo, Barroso (2014) afirma “Os matapi são iscados nos domicílios, posteriormente, no final da tarde, são empilhados na Pequena embarcação e levados até o local de pesca, que no geral fica próximo à residência, onde são Armados[...]” em varas por volta das 17:00h e é retirado entre 5 e 6 horas da manhã para serem despescados. Os pescadores possuem várias varas presas na beira tanto na parte rasa quanto na parte mais funda do rio, conforme a maré é que eles são colocados na parte mais baixa ou funda.

Figura 3 - Pesquisa de campo. Pescador saindo para colocar o Matapi



Fonte: Maria Cristina, 07 de maio de 2018

Pescador com a canoa cheia de Matapi no porto de sua casa para ser colocado na beira para capturar o camarão. Há um período do ano que geralmente acontece no inverno em que o nível da maré sobe mais e entra na terra em uma altura mais elevada e nesse período os pescadores colocam o Matapi por cima da terra para pescar o camarão.

Após ser retirado da água e ser despescado os pescadores o colocam em um varal ou em cima da ponte de suas casas para serem secados e guardados dentro de seus próprios domicílios como uma forma de conservar o seu material de pesca.

Figura 4 - Pesquisa de campo, Matapi secando na ponte dos pescadores



Fonte: Maria Cristina, 11 de maio de 2018

A foto mostra como os pescadores colocam o Matapi em filas para facilitar o processo de secagem do mesmo e também para que ele possa secar de forma igual. Esse processo é realizado por todos os pescadores como uma forma de preservar seu instrumento de trabalho, pois com a conservação desse material é um gasto a menos para os mesmos, pois ele irá durar mais tempo “[...]os matapis são diariamente recolhidos da água para secar ao ar livre, objetivando aumentar a vida útil dos apetrechos. Esses “banho de sol” são realizados nas residências ou no próprio local de pesca[...]” Araújo (2014).

Muitos dos pescadores costumam juntar uma grande quantidade de camarões em viveiros que funciona como um armazenador o qual fica dia e noite na água com os mariscos dentro dele, quando tem uma determinada quantidade do pescado ele é retirado da água para se tirar o camarão e ser vendido aos consumidores na feira da cidade como uma forma de se obter uma renda maior.

O viveiro é um Matapi de tamanho maior que o utilizado para pesca de camarão, devido seu tamanho e também levar mais tempo para se tecer e utilizar uma maior quantidade de materiais, seu preço é mais alto que o menor.

Figura 5 - Pesquisa de campo, Viveiro



Fonte: Maria Cristina, 14 de janeiro de 2018

O viveiro é colocado no rio em frente as residências, podendo ou não ser coberto com um pano para proteger o camarão do sol, ele tem que ser retirado da água no máximo em três dias para garantir a qualidade do pescado, geralmente após esses três dias os camarões morrem causando prejuízos para os pescadores e meio ambiente.

A pesca de camarão é muito importante para as famílias das regiões de ilhas, pois é através dela que conseguem o alimento para os filhos e também gera uma renda extra.

Capítulo 2: A Comunidade de Tecelões no Rio Campompema:

No meio rural são muito frequentes a presença e o trabalho de tecelões que é uma arte que tem uma relação forte com a natureza por dependerem de seus recursos para desenvolverem seu trabalho, trazendo uma linguagem e uma história que é própria de determinado grupo familiar ou individual das pessoas que trabalham com o artesanato nas regiões de estradas e ilhas que através dessa arte tentam expressar um sentimento e sua identidade por meio desse objeto que é utilizado por muitos.

“[...] sem dúvida, um elemento a ser considerado no entendimento da diversidade da Amazônia, sobretudo no que se refere à compreensão das territorialidades e dos modos de vida e, conseqüentemente, das identidades das populações ribeirinhas. Essas populações têm uma intensa relação com os ecossistemas que se relacionam, mostrando uma relação de simbiose com a natureza, os seus ciclos e sua dinâmica. É na relação com os ecossistemas da várzea, o rio e a floresta (*habitat*) que as populações ribeirinhas constroem todo o seu modo de vida (*habitus*) ou, numa linguagem geográfica, seu gênero de vida. Essa intensa relação com a natureza pressupõe um conhecimento aprofundado da sua dinâmica, de seus ciclos, que se reflete na elaboração de estratégias de uso e de manejo dos recursos naturais. Esse imenso acervo de conhecimento é transferido por oralidade de geração em geração, através do senso prático que compõe um *ethos* ribeirinho que, junto com um conjunto de simbologias, mitos e rituais associados à caça, pesca e atividades extrativistas, compõe uma matriz de racionalidade ambiental muito particular de uso-significado da natureza. (CRUZ, 2011, p. 7 apud SANTOS, SOUZA, TOZI, 2015, p.6285)

A arte de tecer é uma manifestação que predomina há muito tempo no Brasil e que resiste às modificações ocorridas e impostas pelo capitalismo o qual visa somente o lucro desses produtos. Os tecelões veem o artesanato como um meio de sobrevivência, arte popular que necessita de materiais manuais para ser produzido.

“[...] O trabalho manual ou semi-industrial tem uma razão prática para os povos ribeirinhos e baseia-se na produção-criação de bens comuns à vida cotidiana, temos o exemplo do Matapi, dos paneiros e das cerâmicas de barro, que pedem mercado para produtos de plásticos, descartáveis, de difícil degradação no ambiente, prejudicando as margens dos rios e a própria saúde dos ribeirinhos [...]”. (GOMES, 2013, p.80).

Nessa arte está presente os saberes culturais que expressam as emoções e o imaginário poético que no decorrer do processo de produção vai repassando tanto para quem faz quanto para quem o utiliza. As relações entre tecelões e empresários com o Matapi é bastante forte e a mesma só vem mostrar a grande importância dessa cultura de fazer e utilizar que estão entrelaçados. Saberes esses que predominam há bastante tempo e que são repassados para cada indivíduo da família como uma forma de continuação de sua cultura, como uma

resistência as modificações que são oferecidas pelo mercado industrial, “[...] o artesanato apresenta uma característica de produto utilitário, relacionada com sua própria origem e que determina o sentido de sua existência [...]” Freitas, Ipiranga, Mazza (2007) e que envolve Diniz, et al (2007). “Tanto o local como as relações de trabalho têm na família seu núcleo central” Segundo Gomes (2013. p. 362).

“[...] seu sentido não recupera somente os aspectos socioeconômicos, na oportunidade que muitas famílias têm de uma renda mensal, como também, dá a possibilidade artístico-cultural de valorização de uma criatividade presente nas mãos e nos sonhos de muitos artesões, que significam pelo trabalho com as artes, toda uma cidade submersa[...]”.

Com o artesanato as famílias conseguem realizar alguns de seus sonhos e também pagar os estudos de seus filhos que é uma das maneiras relacionadas com a reciprocidade que envolve esse objeto.

Na forma de se reunir para tecer o Mapati é que está muito presente a oralidade, devido nesse momento as pessoas da família sentarem todos juntos para repassarem seus saberes para os quais ainda estão iniciando no processo de fazer.

Figura 6- Pesquisa de campo, tecelões de Matapi trabalhando em sua própria casa



Fonte: Maria Cristina, 21 de março de 2018

A imagem mostra que os artesãos trabalham geralmente junto de suas famílias em suas casas, onde há a divisão de trabalho, sendo que eles não são assalariados, ou seja, só ganham algum dinheiro quando vendem seus artesanatos. Existem períodos do ano em que a venda do mesmo principalmente de Matapi fica mais fraca, devido a diminuição do camarão em

determinada época do ano e isso acaba ocasionando um desequilíbrio econômico na família de tecelões.

Hoje, os estudiosos do assunto definem artesanato como sendo qualquer objeto comercializável, fruto de um trabalho predominantemente manual, feito com a ajuda de ferramentas simples ou máquinas rudimentares, que se baseia em temática popular e utiliza a matéria-prima local ou regional. Para se inserir na categoria artesanato, então, o objeto necessita ainda: ser produzido na casa do próprio artesão ou em alguma cooperativa do artesão, englobar um número reduzido de peças, ser proveniente de concepção e execução individual, familiar ou grupal, e ter sido elaborado sob o regime de não assalariamento. (VAINSENER, 2015, p. 2).

As práticas cotidianas dos modos de tecer o Matapi vêm sofrendo grandes mudanças em relação a seus materiais devido às exigências de mercado, com essas cobranças os tecelões na maioria das vezes resistem, mas sabem que precisam realizar as mesmas no que diz respeito ao uso dos materiais e modos de tecer, pois se não acompanharem as exigências de mercado não venderão seu artesanato como diz Certeau (2003) “As práticas, cotidianas estão na dependência de um grande conjunto, difícil de delimitar e que, a título provisório, pode ser designado como o dos procedimentos. São esquemas de operações e manipulações técnicas [...]”.

Essas práticas e técnicas de fazer o Matapi é que o torna um símbolo muito apreciado pelas pessoas tanto da comunidade como por outras que vem de vários lugares e que gostam de observar essa bela arte que são realizadas pelos tecelões ribeirinhos como fala Loureiro (2000) “neles a vida é celebrada pela figuração do amor como ligação suprema dos seres entre si e exaltação dos sentidos nas relações dos homens com a realidade”.

2.1. Um breve histórico do lócus estudado

No início a comunidade do Rio Campompema era formada por 50 famílias, as quais viviam em casas feitas com paxiúba e miriti e cobertas com palhas, divididas em um ou dois cômodos, não tinha energia elétrica, o transporte era feito em canoas. A maioria das pessoas eram analfabetas e só existia um professor. Na localidade os festejos dos padroeiros eram feitos em casas de famílias ou barracões nos quais festejavam Santo Antônio, São Marcelo, São Benedito, São Pedro, Nossa Senhora Santana e São João. Sendo a festividade de São João realizada em duas casas de famílias. Era realizada a festividade de São Benedito o qual era celebrada uma missa chamada de Missa de Desobriga, pois ninguém entendia o que o padre rezava e também não tinham compromisso com o festejo.

Antes de ser criada a capela de São João Batista os padres tentaram criar a capela de São Benedito, a qual não foi aceita pelos filhos do dono do barracão. A partir daí os padres

começaram a celebrar missa para São João Batista e então surgiu à ideia de criar a capela de São João, mesmo com a construção da capela os festejos continuaram sendo nos barracões com festas e somente no dia da festa do padroeiro que ele era levado para a capela para ser celebrada a missa, então os padres resolveram pedir para ser criada a comunidade, pois se não fosse criada a comunidade eles não iriam celebrar mais missa na localidade. Em 1972 foi fundada a comunidade de São João Batista. Com a fundação da comunidade começou a mudar a cultura da religiosidade tradicional para moderna, nessa época a produção da comunidade era o roçado de cana-de-açúcar no qual os dons de engenhos doavam suas terras para as famílias trabalhar e morar, mas em toca a produção era vendida para os próprios donos dos engenhos por preços muito baixos. Com a modernização das maquinas e as Leis do Ministério do Trabalho os engenhos foram acabando e com isso a comunidade entrou em miséria total, não tendo como conseguir o sustento para as famílias.

Hoje a comunidade possui 370 famílias, na qual 300 famílias já foram contempladas com o Projeto da Reforma Agrária com a construção das casas e assim formaram na comunidade as vilas, constituídas por pais, filhos, irmãos, tios, avós, entre outros. Antes do projeto da reforma agraria moravam em uma mesma casa duas ou três famílias, pois não tinham condições para construir suas casas, já com o projeto de assentamento as famílias contempladas tiveram a oportunidade de ter sua própria moradia.

Figura 7 - Pesquisa de campo, casa conquistada pelo projeto de assentamento



Fonte: Maria Cristina, 22 de abril de 2018

Com a construção das casas por meio do projeto de assentamento é que as famílias puderam comprar os objetos com televisão, geladeiras e ter vários outros objetos pois já tinham suas próprias moradias.

“[...] muitos pela primeira vez, tiveram realizado o sonho da casa própria na qual um dos anseios dos movimentos sociais se concentrava. As casas foram construídas

todas de forma padronizada em madeira, medindo 5m de largura por 08m de comprimento, e com pintura de cor amarela, escolhida pelos próprios assentados. (PEREIRA, 2016. p.89).

Os trabalhos das pessoas que caracterizam sua cultura devido existir vários tipos de profissões como: o carpinteiro naval, pescadores artesanais, lavradores, marreteiros de açaí, artesões de Matapi, crochê, tipiti, funcionários públicos, calafates, pintores, mecânicos entre outros. A comunidade conta com grupos engajados que lutam pelo direito a educação, saúde, segurança e habitação. Há também na mesmas várias associações como o Sindicato dos Trabalhadores e trabalhadoras Rurais (STTR), Colônia de Pescadores (Z14), Associação dos Moradores das Ilhas de Abaetetuba (AMIA), Movimento das Ilhas e Várzeas de Abaetetuba (MORIVA) e agora também o Movimento dos Ribeirinhos das Paes de Abaetetuba (MORIPA).

“[...] Esta inserção nesses movimentos visa fortalecer a luta sociosindical no município e, conseqüentemente proporcionar dias melhores para o Assentamento. Não basta apenas a regularização fundiária, mas que o progresso em termos de educação, saúde, saneamento, energia elétrica cheguem com qualidade no cotidiano dos sujeitos ribeirinhos e ribeirinhas das Ilhas, Várzeas e Terras Firmes de Abaetetuba” (PEREIRA, 2016, p. 91.).

O rio Campompema é dividido em três setores denominados de setor baixo, setor meio e setor cima. O setor baixo corresponde da capela até a boca do Rio Abaeté, o setor meio é a ilha que fica em frente a capela, já o setor cima começa da capela a ilha da Pacoca. Na comunidade é muito presente a tradição das festividades em barracões, pois durante o ano e principalmente no mês de junho são realizadas comemorações de vários santos.

A religião Católica prevalece no Assentamento. Dentre os Santos festejados temos: São João Batista (Padroeiro da Comunidade), Nossa Senhora de Nazaré, festejado na Vila Tio Bitá (Campompema Baixo), Santo Antônio, festejado na Vila Nogueira (Campompema Meio), São João Batista, na Vila Bebé (Campompema Meio), São José, na Vila do Muncuim (Campompema Cima), São Benedito na Vila Pistola (Campompema Cima) etc. (PEREIRA, 2016. p.92.).

O rio Campompema se caracteriza por suas inúmeras manifestações de culturas e saberes que são repassados de geração para a geração os quais estão envolvidos o tecer de Matapi, a pesca artesanal o qual a maioria são associados na colônia de pescadores e recebem o seguro defeso.

2.2- Os Saberes Ligados ao Fazer do Matapi

Uma arte artesanal utilizada como instrumento de pesca, decorativo, comunicativo, produtivo, e, sobretudo, simbólico para as famílias do rio Campompema que dependem dele, que passa a uma categoria de reflexão por se tratar não somente de um meio natural, mas, sobretudo, de um registro da cultura passível de reconhecimento principalmente ribeirinho, que envolve saberes que são repassados de geração para geração, sem perder sua essência, seu modo de produção, aproximação e religiosidade que é bastante presente nesse artesanato.

O processo de aprendizagem e de geração de conhecimento no âmbito das unidades produtivas dos artesãos está intimamente relacionado com a dominância das relações familiares no processo de trabalho. Isso influi diretamente na forma como é repassado o conhecimento tradicional, o conhecimento relativo às técnicas artesanais.[...] (DINIZ, et al, 2007, p. 186).

O artesanato segundo Vainsencher (2015) é uma arte feita com equipamentos manuais, pode ser produzido na própria casa do artesão junto com a família ou com outros grupos.

Este trabalhador das margens, as vezes sozinho ou em família, ele registra uma paisagem-mundo, a partir do que ouve, vê, percebe e sugere. Este laço familiar que pode se estender aos vizinhos próximos, aproxima o artista de uma comunidade afetiva, ou seja, de uma memória que se partilha entre processo de trabalho[...]" (GOMES, 2013, p.366).

Os artesãos veem esse trabalho não somente como um meio lucrativo, mas como um objeto que representa suas raízes e também como um meio para sustentar suas famílias como aconteceu com o senhor Antônio Santos que aos oito anos de idade junto com seu irmão começaram a fazer Matapi para ajudar seu pai no sustento da família, pois o que ele ganhava não era o suficiente para manter o sustento de seus filhos como diz o entrevistado “Na idade de oito anos já fazia o Matapi junto com meu irmão para meu pai pescar camarão e de lá para cá aí comecei e até um dia de hoje eu faço” (SANTOS, 2018), percebemos na fala do entrevistado que essa cultura de trabalhar com o artesanato não se perdeu e que dura até hoje na família.

Figura 8 - Pesquisa de campo, entrevista com artesão



Fonte: Maria Cristina, 24 de abril de 2018

Artesão contando um pouco de sua história como tecelão e os seus conhecimentos em relação ao artesanato que é uma arte de tecer de sua família. Quando o senhor Antônio dos Santos⁴ casou-se trabalhou em roçados com corte de cana de açúcar, em tirar azeite de andiroba, roçar entre outras, mas o que serviu para sustentar sua família foi o artesanato de Matapi. “trabalhei em derrubar árvore, trabalhei em corte de cana, em capina, exprermer azeite, tudo isso eu fiz, trabalhei em empesa, mas o que eu fiz e gosto de faze criei meu filhos bem criado fui cum Matapi” (SANTOS, 2018).

Ele viu que o trabalho que fazia não garantia o sustento de sua família, ele reuniu sua esposa e filhos para trabalharem juntos na fabricação do Matapi e assim garantir a alimentação de sua família. Nesse processo de fazer o Matapi havia a divisão de trabalho entre os mesmos, as filhas e a esposa quebravam a tala e o caseavam, os filhos junto com o pai limpavam a tala, preparavam a garaxama⁵, teciam o funil.

A cultura da fabricação de matapi é fascinante, pois em sua maioria são pessoas que trazem consigo conhecimentos de uma geração rica em patrimônios culturais. A matéria prima para fabricar o matapi, é retirada da natureza, como: talas da palmeira do jupati, cipó titica, roda ou arco de cipó grosso.[...] (COSTA; FERREIRA; BARROS, s/d. Pág. 10).

Hoje o senhor Antônio dos Santos ainda tece o Matapi, utiliza na pesca de camarão e também comercializa de seus filhos e genros. Percebe-se que ele sente orgulho em fazer o

⁴ Entrevista realizada na casa do senhor Antônio dos Santos no dia 24 de abril de 2018

⁵ Garaxama cipó forte e que leva mais tempo para apodrecer e é formado em um arco para ser colocado dentro do Matapi.

mesmo, segundo ele é uma forma de ter uma renda extra e também é como uma terapia, pois se parar de fazer o artesanato não irá conseguir outra maneira para se distrair e tentar esquecer os problemas do cotidiano. O tecer é tudo para o artesão, ele ensinou os filhos a tecer o mesmo e todos eles sustentam seus filhos, que é uma cultura de sua família como diz o entrevistado “significa tudo pra mim porque insinei meu filhos a tecer o Matapi e tudu veve do mesmo” (SANTOS, 2018).

O senhor Antônio faz esse instrumento tanto para o uso na pesca quanto para venda, para uso devido ele trabalhar com a pesca do camarão, ele falou que o Matapi mais ecológico era o feito com cipó e na fala do senhor Antônio percebe-se que ele tem uma preocupação com o meio ambiente quando ele diz “o Matapi mais ecológico pra mim é de cipó, só que o cipó acabou porque o IBAMA⁶ não deixou tirar mais, veio esse cabinho mais não é bom, o de cipó fica mais fama, dura menos e a venda é maior” (SANTOS, 2018).

Percebe-se que é muito difícil os tecelões conseguirem cipó para tecer o Matapi, pois viu-se que a utilização do mesmo estava fazendo com que esse material estivesse acabando, a partir daí houve a “proibição” de seu corte e venda.

Figura 9 - Pesquisa de campo, artesão apontando a tala para o funil



Fonte: Maria Cristina, 14 de fevereiro de 2018

A imagem vem mostrar as habilidades e saberes que estão entrelaçados no fazer o Matapi, que envolvem muita prática e dedicação por parte dos artesãos e também o orgulho

⁶ IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente

do entrevistado ao falar do artesanato que faz. Segundo o senhor Antônio dos Santos todos seus filhos trabalham com o tecer e também vão repassando esses saberes para os netos. Saberes esses que estão presentes na família do mesmo o qual diz “com esse artesanato consegui sustentar minha família e nunca passei fome”, então ele fala que se os filhos não tiverem outro emprego com certeza fazendo o Matapi conseguirão o sustento de suas famílias assim como ele.

O fazer está muito relacionado com a festividade de São João Batista Padroeiro da vila onde a família do entrevistado vive, ele e seus filhos para fazerem as compras para o festejo contam com o dinheiro da venda do artesanato para obterem os alimentos que serão repartidos com as pessoas que participam da novena a qual eles são responsáveis, pois se no período da festividade ficar “fraca” as vendas terão dificuldades em fazer as compras para compartilharem.

Quando o senhor Antônio começou a tecer o Matapi, utilizava cipó titica, garaxama e tala de jupati. Com o passar dos anos o cipó foi substituído pela corda de nylon, devido à diminuição do produto natural e também as exigências dos pescadores e atravessadores. Os artesãos tecem esse artefato conforme as necessidades de mercado, pois são os fregueses quem “determinam” o tamanho e o espaçamento entre as talas do mesmo.

Figura 10 - Pesquisa de campo, Matapi feito com cipó



Fonte: Maria Cristina, 14 de fevereiro de 2018

Figura 11 - Pesquisa de campo, Matapi feito com cabinho



Fonte: Maria Cristina, 14 de fevereiro de 2018

As imagens mostram a diferença do Matapi feito com cipó que o espaçamento entre as talas é maior e já o feito com cabinho que o espaçamento é menor dificultando a saída dos camarões menores.

Alguns dos materiais para tecer o Matapi vem de outras comunidades e até mesmo de outros municípios como Ponta de Pedras no Marajó, Limoeiro do Ajuru entre outros. Devido esses materiais vierem de outros municípios e também serem vendidos para atravessadores (marreteiros), eles são revendidos para os artesãos por preços muito altos, e isso faz com que os mesmos não tenham muito lucro com a venda dos mesmos, por não terem de onde tirar esses materiais e por esse motivo precisam comprar todos os produtos de outras localidades.

O tecer é realizado em vários processos que são divididos entre os artesãos (homens e mulheres) até chegar ao produto final, para realizar todos esses procedimentos necessita-se de pratica e muita paciência. “Ligando-se a maneiras de fazer, que ganham sentido pelo imaginário” Gomes (2013), devido o trabalho iniciar de madrugada para os homens que levantam às 4h30min da manhã e param as 20h. O Matapi passa por várias etapas como: limpar a tala (desbuchar), quebrar (cortar em vários tamanhos), tecer, apontar a tala, fazer o funil, cortar a garaxama, fazer a língua (tampa).

Figura 12 - Limpando tala**Figura 13** - caseando Matapi

Fonte: Maria Cristina, 27 de abril de 2018

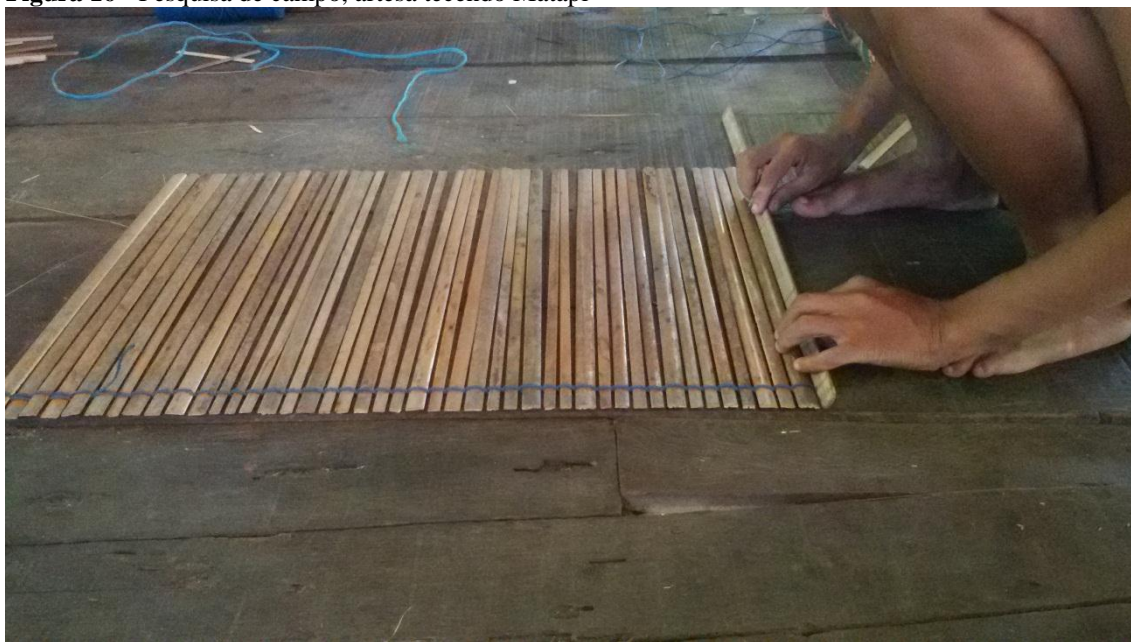
Figura 14 - tecendo o funil**Figura 15** - Matapi sendo fechado

Fonte: Maria Cristina, 27 de abril de 2018

As imagens representam alguns dos processos que é realizado até chegar no Matapi pronto: como limpar a tala, fazer o funil, fechar, colocar a garaxama e casear que é praticamente o processo final, que é necessário bastante saber e pratica.“[...] O Matapi é um instrumento feito de fibra vegetal retirado da palmeira Jupati, muito comum na Amazônia na forma cilíndrica de 50 cm de comprimento e 25 cm de diâmetro, com uma espécie de funil nas extremidades que facilita a entrada de camarão e dificulta a sua saída.” (COSTA; FERREIRA; BARROS, s/d. Pág. 9).

Não são todos os artesãos que sabem tecer o pano do Matapi, por ser um processo que exige maior habilidade e técnica para que assim possa sair um artesanato bem feito e bonito, o qual sua beleza possa chamar a atenção dos pescadores e demais pessoas que o utilizam.

Figura 16 - Pesquisa de campo, artesã tecendo Matapi



Fonte: Maria Cristina, 24 de fevereiro de 2018

O tecer das talas traz um significado muito importante o qual representa a força, união, com fala o senhor Manoel de Jesus Azevedo “se pegarmos uma tala a gente consegue quebrar, mas se tentarmos quebrar um Matapi ao meio não conseguimos” e isso representa muito a força de cada grupo em resistir as mudanças que estão presentes no cotidiano. O tecelão quando esta tecendo o Matapi ele sabe como deve fazer para com que os espaçamentos entre as talas fiquem abertos ou fechados, deve-se lembrar de que com o nylon fica mais difícil o espaçamento ficarem abertos, devido ser um material bastante liso e que necessita ser bem trançado na tala para que ela não saia

No período que chega o verão acontece a diminuição da venda de alguns materiais como a garaxama para se fazer o artesanato, pois nesse momento as pessoas que cortam esse cipó vão trabalhar como peconheiro para os donos de plantação de açaí. Com a falta desse material alguns artesãos ficam vários dias sem tecer o Matapi, passando por crise financeira.

2.3- O Mutirão: as Relações de Reciprocidade que envolve o fazer o Matapi

As famílias do rio Campompema trabalham há muito tempo com o mutirão, não somente de Matapi, mas também com outros tipos como: o de limpar terreno, construir casas para as famílias que não tem condições financeiras para pagar o carpinteiro e também tem o mutirão que é realizado na quinta feira para trabalhos relacionados na própria comunidade (igreja). Esse tipo de trabalho tem um significado muito grande devido apresentar uma relação que envolve a caridade, respeito e união de um povo de determinada comunidade. A relação

de reciprocidade em uma estrutura bilateral simétrica gera um sentimento de amizade; a estrutura de divisão simétrica dos bens dentro de um grupo gera a justiça. Assim, outros tipos de relação, em outras estruturas, podem produzir outros valores específicos. Sabourin (2011).

O artesanato de Matapi assim como a maioria dos outros é uma arte que aproxima as pessoas que estão envolvidas no processo de tecer o mesmo. Geralmente é o momento o qual pais, filhos, esposas e netos se reúnem para dialogarem sobre os acontecimentos do dia a dia da família e resolverem determinados assuntos relacionados a mesma como Sabourin (2011) expressa “nessa relação entre pais e filhos, o valor produzido é aquele que dá responsabilidade” e afirma Pereira (2016) “[...]há uma relação de trocas de saberes, de conhecimentos na medida em que ambos refletem a melhor maneira de fazer determinada atividade, ou seja, uns aprendem com os outros.”

A identidade da cultura cabocla, como ocorre em relação a outras culturas, tem a ver com os registros de determinadas matrizes de pensamento e de comportamentos que estão secularmente registrados na memória social dos grupos humanos e que gozam da condição de durabilidade e de persistência no tempo; constituem-se nos elementos fundadores da cultura e, ao mesmo tempo, nos elementos que acabam por conferir-lhe a força e peculiaridade (LOUREIRO, 2000, p. 37).

Durante o processo da produção do Matapi é o momento em que as pessoas se aproximam, enquanto eles estão tecendo o Matapi estão conversando, brincando, trocando saberes e conhecimentos.

A imagem abaixo demonstra a relação de aproximação entre os membros da família que nesse momento eles dialogam e repassam seus conhecimento e saberes culturais que estão entrelaçados com o modo de tecer o Matapi, saberes esses que são repassados de pais para filhos.

Figura 17 - Pesquisa de campo, família reunida tecendo o Matapi



Fonte: Maria Cristina, 21 de março de 2018

Nessa arte estão presente os saberes culturais que expressam as emoções e o imaginário poético que no decorrer do processo vai repassando tanto para quem faz quanto para quem o utiliza. As relações entre tecelões e empresários com o artesanato é bastante forte e a mesma só vem mostrar a grande importância dessa cultura de fazer e utilizar que estão entrelaçados.

Nas comunidades existem relações humanas de indivíduo para indivíduo, nelas, todos os dias, as pessoas são sujeitas aos preceitos de suas culturas. É nas comunidades que os habitantes de uma região ganham vida, educam os filhos, levam uma vida familiar, agrupam-se em associações, adoram seus deuses, tem suas superstições e seus tabus e são movidos pelos valores e incentivos de suas determinadas culturas. (WAGLEY, 1988, p. 44 apud GOMES, 2013, p. 79)

A produção do artesanato de Matapi é familiar onde pais e filhos sentam juntos para fazer todo o processo, também durante a realização do trabalho há bastante diálogo entre as pessoas, Araújo, Barroso (2010) “[...] neste sentido, a cultura remete à compreensão da própria natureza humana [...].”

“[...] os valores afetivos e éticos gerados pelas relações de partilha correspondem a um sentimento de pertencimento e de confiança. O sentimento de pertencer a um todo é muito forte e aparece de forma espontânea na maioria dos depoimentos de camponeses, associado a uma noção de unidade, de solidariedade, de força e de vida do ser coletivo ou comunitário (SABOURIN, 2011, p. 38).

O mutirão é uma forma que as famílias buscaram para conseguir uma renda extra e também construírem algo que servira para todos da vila e que permanece há uns 10 anos. O processo de mutirão mostra cada vez mais a aproximação que está presente no fazer o Matapi, pois o fazer representa diálogo, carinho, responsabilidade, religiosidade, saberes e resistências que estão ligados a um imaginário poético que é próprio desse artefato e que tenta resistir as mudanças oferecidas pelo mundo segundo Laplantine, Trindade,(2003) “a imagem representa um símbolo que tem significados diferentes que são próprios de cada artesanato”

“A ideia do trabalho em mutirão é pra tentar unir a família e trabalhar em mutirão a gente trabalha menos, tá conversando, dialogando, brincando, a gente vê que no trabalho em mutirão surge muita união para família, aqui pelo menos em casa a gente gosta muito porque na conversa a gente vai planejando outras coisas e aqui através do mutirão já conseguiu muita coisa principalmente com os irmãos.” (AZEVEDO, 2018).

Na família o trabalho em grupo não está relacionado somente com o artesanato de Matapi, mas com outras conquistas que eles já tiveram como a construção de dois lagos para a criação de peixes, um poço artesiano, uma ponte que serve todos da vila e uma mercearia e já estão com um projeto para construção de quadra de futebol. Para Santos (2014, p. 55. Apud PEREIRA 2016, p. 122):

Outra forma de suprir as necessidades da comunidade é o trabalho em mutirão, que expressa interação e solidariedade entre os moradores. Através dele constroem-se as casas, a capela ou igreja; é feita a limpeza do campo de futebol e às vezes o próprio trabalho da roça ou da casa de farinha. Essa é uma forma de organização que envolve todos os moradores e membros das famílias, nas diferentes etapas de trabalho.

Eles vêm que o trabalho em grupo é uma forma de ter maior produtividade e economia financeira, pois quando precisam limpar seu terreno, cavar um poço ou construir uma casa, se forem pagar alguém para trabalhar isso levaria mais tempo e custo. Eles cavaram dois lagos em grupo de mutirão para criar peixes que após a venda o dinheiro é dividido entre eles. “Se a gente pagar pra cavar um lago, hoje querem 30 reais pra cavar cada metro quadrado e como fui nos que cavamos pra nos saiu de graça e se a gente fosse pagar saia mais de 12 mil reais, a importância do mutirão não é o lucro mas a união” (AZEVEDO, 2018).

Na vila onde mora o senhor Monoel de Jesus Azevedo o mutirão de Matapi é feito em cada dia da semana para uma família e ela quem dá todo o material para tecer “por exemplo hoje nos vamos fazer 50 Matapi para um e no dia seguinte para outro”, o trabalho precisa da união do grupo para poder progredir, sem união não há trabalho “precisa da união para avançar e dar certo e consegue muitas coisas que serve todo o grupo” (AZEVEDO, 2018) que

é uma relação muito antiga repassada de seu pai. Hoje ele observa que os jovens não têm muito interesse em trabalhar com esse artesanato por existir outros meios de sobrevivência “nos tinha ambição de fazer Matapi por necessidade, hoje eu falo que não dá para fazer, pois as pessoas não querem sentar para tecer, pois só os pais trabalham e os filhos ficam de fora” (AZEVEDO, 2018). A imagem abaixo mostra as famílias reunidas na ponte de um dos artesãos para trabalharem o mutirão de Matapi.

Figura 18 - Mutirão de Matapi



Fonte: Francisco, 10 de maio de 2018

O mutirão é uma forma de unir as pessoas que moram na vila através da união, dialogando onde cada um dá uma ideia de como fazer determinada coisa e também é onde ficam informados se determinada família está passando por dificuldades e a partir da aí estar tentando ajudar. Vimos a importância dos mutirões como forma de aproximar e unir as pessoas que vivem em um determinado local que buscam melhorias para todos que moram em vilas.

2.4- A comercialização do Matapi nas feiras

Nas feiras livres da cidade é muito comum serem vistos os artesãos e atravessadores vendendo o Matapi, que é bastante procurado pelos pescadores e pescadoras artesanais esse

instrumento de pesca e decorativo é geralmente procurado e comprado por pescadores que vem de outros municípios como diz o senhor José Luis dos Santos⁷ “eu vendo para pescadores de Igarapé Mirim e de quase todas as ilhas, vendo também para pessoas que estão somente a passeio na cidade e que compram para levar como uma lembrança e para empreendedores”.

“[...] Quando construído, o matapi serve, para o artesão, como moeda de troca de mercadorias nas tabernas (comércio local) da comunidade, e no caso de muitas famílias a comercialização do camarão pescado, vendido na feira de Abaetetuba é uma das principais fontes da renda. Com essa venda, muitas famílias usam o dinheiro para comprar alimentação e financiar suas atividades como a compra de materiais escolares, transporte entre outras. (COSTA, FERREIRA, BARROS, s/d, p.3).

Geralmente os Matapi para serem vendidos na feira passa por uma seleção, pois só são levados pelos artesãos e atravessadores os quais são mais bem feitos. A partir da seleção é eles o colocam de madrugada na rabeta levando os para serem vendidos. Chegando ao local de venda os fregueses escolhem os quais eles acham melhores para comprar e os que tem um melhor formato para pescar camarão, pois se os mesmos não tiverem de acordo com suas exigências os artesãos e atravessadores não conseguem vender seu seus produtos artesanais.

⁷ Entrevista na residência do senhor José Luis dos Santos no dia 11 de maio de 2018

Figura 19 - Pesquisa de campo, artesão vendendo Matapi na feira



Fonte: Maria Cristina, 06 de abril de 2018

O artesão coloca o Matapi em uma determinada área visível para que as pessoas que estão na feira possam se interessar pelo mesmo e compra-lo. Na maioria das vezes os artesãos dependem da venda desse artesanato para comprarem os alimentos para o sustento de suas famílias.

Os fregueses quando compram o Matapi na feira da cidade fazem uma seleção dos quais eles acham melhores para pegar o camarão e também o qual terá mais durabilidade, não se preocupam com o meio ambiente, mas sim com quantidade de camarões que irão pegar sem se preocupar com a diminuição do camarão. Já os atravessadores que compram esse instrumento de pesca diretamente nas casas dos tecelões não realizam essa seleção pois esse artesanato será vendido em outros municípios e em grande quantidade que na grande maioria não são selecionados e geralmente são transportados em grandes barcos e arrumados na tolda deles para dar maior visibilidade.

Figura 20 - Pesquisa de campo, barco de atravessador



Fonte: Maria Cristina, 28 de abril de 2018

Imagem mostra barco de atravessadores com cerca de cinco mil Matapi comprados e embarcados diretamente nas casas dos próprios artesãos sem que haja a seleção do artesanato para ser vendido em outros municípios.

Muitos atravessadores costumam comprar alguns Matapi de tamanho maior que o de tamanho normal, esses maiores são utilizados pelos pescadores na captura de camarão lagosta, já os pequenos que são utilizados na captura de camarões de tamanhos menores Gomes (2013) “Nesse momento, aparece a figura do atravessador, como outro tipo sociológico, aquele que compra uma produção x e a revende, por isso, tem de agrupar um número de vendedores proporcionais à produção, ele é o concorrente direto.”

Os atravessadores compram o Matapi de várias comunidades por preços bem baixos e os revendem por preços muito altos e ganham o dobro do que eles pagaram. Os mesmos também revendem para os artesãos os materiais que eles irão utilizar para fazer o Matapi ou em dinheiro ou a troca do próprio Matapi, sendo que eles cobram um valor muito alto por esses materiais, pois na maioria das vezes eles não têm o dinheiro para comprarem esses materiais na cidade por preços baixos, por esse motivo precisam comprar dos atravessadores por preços mais elevados e algumas vezes a prestação o qual sai mais caro.

Em entrevista com o atravessador ele falou que antes tecia o Matapi e vendia na feira, com o passar dos anos viu que a procura desse apetrecho era muita e então começou a trabalhar como atravessador “ hoje só compro e revendo o Matapi, não faço mais” (SANTOS,

2018), percebe-se na fala do mesmo que revender dá mais lucro para ele do que fazer esse apetrecho.

Nesta capítulo foi feito uma breve contextualização do modo de fazer, a relação de reciprocidade, sua comercialização tanto na feira, como para outros municípios que o utilizam na captura de camarão. Mostrou-se a importância desse artesanato para os tecelões, atravessadores e pescadores que dependem do mesmo como forma de garantir uma renda e o sustento de suas famílias.

Capítulo 3: O Imaginário do Matapi numa Ilha de Ribeirinhos.

A arte de tecer o Matapi ribeirinha tem um grande significado para os povos que vivem as margens dos rios que precisam criar maneiras para sobreviverem e demonstrarem através dos trançados de seus objetos um símbolo que envolvem saberes e expressões que estão presentes em seu cotidiano e diretamente relacionadas com a natureza como uma forma de necessitar dos materiais que ela oferece.

Na arte de fazer o Matapi estão muito presentes o imaginário e o poético, os quais envolvem a imaginação para criar novas maneiras de se fazer dando-lhe uma delicadeza e beleza as suas formas, que trazem uma beleza que é própria desse artesanato Laplantine, Trindade (2003) “[...] os homens atribuem significados aos objetos. A ideia como representação mental de uma coisa concreta ou abstrata é considerada como o elemento consciente do universo simbólico”. Esse modo de tecer que tem consigo uma aproximação, carinho, amor e delicadeza, que chama a atenção das pessoas para o uso do Matapi não somente como uso na pesca, mas também como um instrumento sócio educativo e estético Gomes (2013) “espaços de onde uma arte comporta os sonhos de um artesão, que poetiza com o colorido e diversidade de formas, nos fragmentos de entalhes, nas inacabadas criações geradas na espontaneidade”, expressando nas formas de fazer todo o seu imaginário e criações de se ter uma vida melhor e um trabalho mais valorizado e respeitado por todos.

3.1- O Mapati como uso estético

Os artesanatos são instrumentos que podem ser usados como vários meios tanto como instrumento de sobrevivência com um instrumento decorativo e educativo Loureiro (2000) “o estético como vetor de religião social e fator de uma ética, que ultrapassa a constante preocupação temática com a pós modernidade”. No município de Abaetetuba o artesanato é utilizado para enfeitar restaurantes, bares, centros comunitários e escritórios de movimentos sociais e também as casas dos artesãos e de demais pessoas que veem no artesanato uma beleza e uma delicadeza que está relacionado com uma poética que é só dele Gomes (2013) “[...]poderíamos destacar com isso, que o artesão de Abaetetuba conhece aquilo sobre o qual sua mão manipula, já que, a palmeira é parte constitutiva da paisagem, pode-se vê-la em praças, ruas, áreas de colônias, balneários e, principalmente, nas ilhas da cidade.”

Os bares e restaurantes tanto na cidade quanto nas regiões de ilhas é comum serem vistos vários tipos de peças artesanais devido existir inúmeros grupos familiares que as fazem como uma forma de garantir uma renda extra com esses instrumentos decorativos. No

escritório do Movimentos dos Ribeirinhos de Ilhas e Várzeas de Abaetetuba (MORIVA) O Matapi é utilizado como o símbolo do movimento devido ele representar a união e força das associações vinculadas ao movimento.

Figura 21 - Pesquisa de campo, bandeira do MORIVA



Fonte: Maria Cristina, 03 de maio de 2018

Bandeira do movimento social com um Matapi no centro como um símbolo central do mesmo que mostra a força, união das pessoas que representam as associações que se juntam para lutar em prol dos povos das regiões de ilhas.

O Matapi vem representar uma questão cultural de determinado povo como um símbolo e também geração de renda dos ribeirinhos como fala o senhor. Romildes Teles⁸ “o artesanato representa uma questão cultural, depois essa união das talas que são entrelaçadas com cipó ou fibra e que são tão frágeis mais que se juntam formam uma união e força”, pois gosta de ter em sua casa e estabelecimento como forma de demonstrar a ornamentação cultural. Ele também é utilizado para enfeitar embarcações em círios como mostra a imagem do círio mirim de Bom Jesus da Cana verde do Rio Maracapucu regiões de ilhas de Abaetetuba.

⁸ Entrevista com o empreendedor senhor Romildes Teles no dia 11 de maio de 2018

Figura 22 - Matapi como símbolo estético em círio mirim



Fonte: Ediney Sousa

A imagem acima mostra o uso do Matapi como um símbolo estético como enfeite da rabeta em um círio mirim, o qual acontece em forma de competição com premiações para as embarcações com enfeites mais bonitos e criativos. Percebemos o uso do artesanato como um símbolo importante para os empreendedores e crianças que o utilizam como um apetrecho decorativo.

3.2- O uso do Mapati como instrumento sócio educativo

O Matapi não é utilizado somente como um instrumento de pesca e estético, mas também como um instrumento educativo, que pode ser utilizado em salas de aulas para se trabalhar vários assuntos em determinadas disciplinas. Esse instrumento pode ser usado para se trabalhar a matemática e a ciência em sala de aula, pois a matemática é fundamental na fabricação do mesmo, a qual envolve no dia a dia dos artesãos os centímetros e as formas geométricas. Na ciência estão envolvidos a relação com o meio ambiente como a preservação das espécies dos camarões, a decomposição dos materiais utilizados para tecer e a poluição dos rios e nas demais disciplinas como forma de desenvolver o aprendizado dos alunos.

Esse artesanato é muito utilizado nas apresentações culturais dos alunos e também representante de movimentos sociais que veem no Mapati uma forma de expressar suas culturas e saberes.

Os alunos das ilhas estão interligados com o conhecimento tradicional da cultura do matapi, pois trazem consigo essa bagagem cultura ribeirinha da Amazônia Tocantina. Como forma de renda da maioria dessas famílias, o matapi vem sendo utilizado diariamente como forma de comercialização, pois é um dos recursos que os moradores encontram para sustentar suas famílias [...] (COSTA, FERREIRA, BARROS, s/d, p.3-4).

Devido esse artesanato está presente no cotidiano dos alunos, ele se torna um símbolo importante para se trabalhar nas escolas para facilitar o processo de aprendizagem dos alunos, além de estar valorizando sua cultura e saberes tradicionais que são repassados de pais para filhos, Santos (2014) “a escola é um local onde se pode promover e desenvolver uma cultura atuante e que expressa a interligação com o ambiente onde está inserida”, ou seja, é o local onde a criança tem mais confiança em discutir e acreditar em seu próprio potencial e cultura.

Esse instrumento pode ser usado nas disciplinas multidisciplinares nas escolas do campo como uma forma de facilitar o processo de aprendizagem dos alunos públicos da educação do campo e demais áreas.

3.3- O Mapati como um símbolo da pesca do camarão

O Mapati não se configura somente como um elemento de trocas econômicas atrelado a uma produção artesanal do ribeirinho, mas também como importante arte de fazer ligada ao imaginário da pesca na região, acrescentando sua dimensão estética e ética, que o coloca como um símbolo da pesca na Amazônia, ou seja, um elemento constituinte do cotidiano de muitas comunidades de pescadores de regiões de ilhas e rios.

Essa arte de fazer é que dá uma forma diferenciada nesse artesanato que é feito manualmente sem ter um padrão específico em sua estrutura, onde cada um faz do jeito que achar melhor e bonito, não sendo comparado com o trabalho realizado nas fábricas onde todos os objetos precisam ter um padrão para saírem todos iguais, com o Matapi é diferente ele não segue um padrão devido ele ser feito manualmente cada artesão tece ele de um jeito diferenciado do outro e na maioria das vezes em seu acabamento conseguimos identificar qual foi o artesão quem o fez ou em qual comunidade ele foi feito.

O Matapi para a pesca de camarão tem vários formatos em seu espaçamento, pois se os pescadores querem pegar os camarões pequenos ele tem que ter um espaçamento entre as talas mais fechado, lembrando que essa forma prejudica o meio ambiente diminuindo as espécies de camarões. Já quando os pescadores querem pegar os camarões maiores o espaçamento deve ser mais aberto para que os camarões menores possam sair e esse tipo de

espaçamento é bem mais ecológico além de gerar mais lucro aos pescadores, pois venderão sua pesca por um preço mais alto.

Segundo Regiane, uma aluna pesquisadora da área, a implantação do projeto do Matapi ecológico contribui para o desenvolvimento econômico e local.

“Minha ideia de fazer esse projeto surgiu a partir do momento que identifiquei a pesca de camarões pequenos em minha comunidade e com isso o ciclo de vida dos camarões diminuía. Com o aumento do espaçamento entre as talas, aumentou a qualidade do camarão, ficando apenas os camarões grandes”.

Seria bom que todos os artesãos, pescadores e atravessadores pensassem que com um espaçamento maior entre as talas a reprodução do camarão aumenta e também eles terão mais lucros e comercialização do seu produto, pois com o aumento desses mariscos, aumenta a compra de Matapi, e isso irá gerar uma maior renda para ambas as partes.

Neste capítulo fizemos um breve apanhado dos usos e significados do Matapi como um símbolo da pesca, seu uso na educação e o imaginário que está envolvido no mesmo por ribeirinhos que dependem desse artefato para conseguirem uma renda.

Conclusão

Este trabalho se propôs a estudar o imaginário que envolve o tecer do Matapi, seu uso como um apetrecho da pesca do camarão, estético e educativo relacionados com saberes das pessoas que vivem à margem dos rios de uma comunidade de Tecelões do rio Campompema. Por isso nós usamos textos que fazem um diálogo do imaginário, do artesanato e da pesca do camarão no estuário da Amazônia, mostramos a relação de reciprocidade presente no mesmo e que resistem em meio a tantas modificações ocorridas no processo de produção do Matapi, é possível observar que há uma resistência por parte dos tecelões e demais pessoas que o utilizam tanto como um apetrecho de pesca quanto como um imaginário poético. Nosso estudo diferente de outros se preocupou em discutir sobre o Matapi como um símbolo para uma comunidade de ribeirinhos que dependem do mesmo para sobreviver.

Vimos a importância desse artesanato como forma de aproximar, envolver as pessoas que dependem desse objeto para garantir uma renda extra e também sua importância como um significado muito forte para as pessoas. Esse artesanato quando tecido significa a união e força de determinado grupo social e familiar que tem esse apetrecho com um grande significado e importância.

Concluí que o artesanato de Matapi é um símbolo muito presente nas comunidades do mundo rural da Amazônia, na comunidade do Rio Campompema se transformou ao longo da história num importante meio de renda além de promover os laços entre os envolvidos, que tem por traz todo um saber e um imaginário poético, estético e de trocas de saberes que é o que o caracteriza dos demais e que também representa uma determinada cultura.

REFERENCIAS

ANDREOLI, Vanessa Marion. **Natureza e Pesca: Um estudo sobre os pescadores artesanais de Matinhos** – PR, Curitiba 2007.

ARAÚJO, Jordeanes do N, BARROSO, Suellen Andrade. ENTRE SIMBOLOS E IMAGENS: - Por uma Crítica à Noção de “Cultura Amazonica” **Revista EDUCAMAZONIA - Educação Sociedade e Meio Ambiente, Humaitá , LAPESAM, GISREA/UFAM/CNPq/EDUA – ISSN 1983-3423 – Ano 3, vol 2, jul-dez, 2010, Pág. 44-56.**

ARAÚJO, M. V. L. F; SILVA, K. C. A; SILVA, B. B; FERREIRA, I. L. S; CINTIA, I. H. A. **Pesca e procedimentos de captura do camarão-da-Amazônia a jusante de uma Usina Hidrelétrica na Amazônia Brasileira. Biota Amazônia, Macapá, v. 4, n. 2, p. 102-112, 2014.**

BARATA, Rui. Esse rio é minha Rua In BARATA, André. **Isso é MPB do Pará.** Belém: [s. n.], 2011.

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos.** São Paulo: Martins Fontes. 2009.

CAETANO, Marta Coutinho. **Memorias das aguas: praticas culturais e educativas de pescadores artesanais nas ilhas de Abaetetuba-Pará / Marta Coutinho Caetano – 2012. 89f. : il. Color. , enc. , 30 cm.**

CERTEAU, Michel. **A invenção do Cotidiano: Artes de fazer.** Petrópolis: Vozes, 2003.

COSTA, Erivaldo Sousa da; FERREIRA, Fatiana da Silva; BARROS, Osvaldo, **Confecção Matemática do Matapi nas Ilhas de Abaetetuba: Artigo Especialização Concluído pdf (2).** Pdf.

CUNHA, Joyce Cleide Lopes da, NAJAR, Núbia Silva, PICCOLOTTO, Denize Carvalho Levy, **Central do artesanato Branco e Silva: Contribuindo para fomentar o artesanato no Amazonas.** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências e Comunicação – Manaus, AM – 4 A 7/9/2013.

CRUZ, V. C. **O rio como espaço de referência identitária: reflexões sobre a identidade ribeirinha na amazônica.** In: TRINDADE JÚNIOR, S. C; TAVARES. M. G. C. (Orgs.) **Cidades Ribeirinhas na Amazônia: mudanças e permanências.** Belém: EDUFPA, 2008, p. 49-69.

DINIZ Marcelo Bentes, DINIS Márcia Jucá Teixeira, **Novos Cadernos NAEA.** v. 10, n. 2, p. 173-208, dez. 2007, ISEN 1516-6481. **Arranjo produtivo do artesanato na Região Metropolitana de Belém: uma caracterização empírica**

FREITAS, Ana Augusta Ferreira, IPIRANGA, Ana Silvia Rocha, MAZZA, Adriana Carla Avelino. **O Desing, a arte e o artesanato deslocando o centro, CADERNOS EBAPE. BR, v.5, nº 4, Dez. 2007.**

GOMES Jones da Silva, 1972 – **Cidade da Arte: uma poética da resistência nas margens de Abaetetuba** / Jones da Silva Gomes – 2013. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Belém, 2013.

GONÇALVES, D. L: BRASIL, D. S. B. **Problemas Ambientais e Sustentabilidade nas Várzeas da Amazônia Tocantina**: Um estudo no Projeto de Assentamento Agroextrativista São João Batista II, Abaetetuba, estado do Pará, Brasil. CAN/ANAZ saúde, Belém/PA 2016.

LAPLANTINE, François- **O que é imaginário** / François Laplantine, Liana Sálvia Trindade. – São Paulo: Brasiliense, 2003. – (Coleção primeiros passos; 309) 1ª reimp. da 1. ed. de 1996. ISBN 85-11-00026-7

LIMA, Walter Chile Rodrigues, Saberes Tradicional: Suporte para o Exercício da Territorialidade de uma Comunidade no Estuário Amazônico. **REVISTA ENSAIO GERAL**, Belém, v.1, jan-jun/ 2009.

LOUREIRO, Paes. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**. São Paulo: escrituras editora, 2000.

MORAES, Sérgio Cardoso. **Saberes da pesca: uma arqueologia da tradição**. Natal, 2005. (Tese de Doutorado em Educação) Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Programa d Pós-Graduação em Educação.

PEREIRA, Rosenildo da Costa. Sexo, Casamento e família: O cotidiano da Juventude do Campo de Abaetetuba/Pará. **Margens-vol.8 n.11 (Agos/ 2014) Abaetetuba/ Pa**: UFPA, 014. P. 147.

PEREIRA, Rosenildo da Costa. **Saberes Culturais e práticas docente no contexto da escola ribeirinha**. /Rosenildo da Costa Pereira. Belém, 2016 – Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará. Belém, 2016.

Regiane Araújo da Silva - entrevista GLOBO. Ano 2014.

SABOURIN, Eric, **Teoria da Reciprocidade e sócio-antropologia do desenvolvimento**, Dossiê Sociologia, Porto Alegre, ano 13, nº 27, mai./ago. 2011, p. 24-51.

SANTOS, Andreia dos Santos, SOUZA, Aldo Luiz Fernandes, TOZI Shirley Capela: **A diversidade da geografia Brasileira: Escalas e Dimensões da Análise e da Ação-Comunidades Tradicionais da Amazônia: O Rio Enche a Vida do Homem de Motivações, Tecendo o Modo de Vida Regional** (2015), disponível em: www.enanpege.ggf.br/2015/.../594.pdf acessado em 11/03/2018

SANTOS, Marcos Antônio Sousa dos. **A Cadeia Produtiva da Pesca Artesanal no Estado do Pará: Estudo de caso no Nordeste Paraense**. Amazônia: Ci. & Desenv, Belém, v.1, n.1, jul./dez.2005.

SANTOS, Maria da Conceição Chará dos. **A importância da atividade artesanal no desenvolvimento de alunos com perturbações intelectuais**. Lisboa, março de 2014.

SILVA, Emanuely Kelly Ribeiro da. **Design e artesanato: um diferencial cultural na indústria do consumo.** Actas de Diseño. Facultad de Diseño y Comunicación. Universidad de Palermo. ISSN 1850-2032

SOUZA, CARLA MONTEIRO DE. **ARTIGO MEMÓRIA E ORALIDADE: ENTRE O INDIVIDUAL E O SOCIAL**

VAINSENER, Semira Adler. *Artesanato do Nordeste do Brasil. Pesquisa Escolar.* Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em:<<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar>>. Acesso em: 12/03/2017.

SANTOS, Antônio dos. Entrevista concedida a Maria Cristina dos Santos Cardoso. Rio Campompema, 24 abr. 2018.

AZEVEDO, Manoel de Jesus. Entrevista concedida a Maria Cristina dos Santos Cardoso. Rio Campompema, 03 maio. 2018.

SANTOS, José Luis Ferreira dos. Entrevista concedida a Maria Cristina dos Santos Cardoso. Rio Campompema, 11 maio. 2018.

TELES, Romildes Assunção. Entrevista concedida a Maria Cristina dos Santos Cardoso. Rio Campompema, 11 maio. 2018.

